

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O ROMÂNICO NO CONCELHO DE GUIMARÃES. V IGREJA DE SÃO PEDRO DE POLVOREIRA.

PINA, Luís de

Ano: 1929 | Número: 39

Como citar este documento:

PINA, Luís de, O Românico no concelho de Guimarães. V Igreja de São Pedro de Polvoreira. *Revista de Guimarães*, 39 (3-4) Jul.-Dez. 1929, p. 182-189.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Românico no concelho de Guimarães

V

A igreja de S. Pedro de Polvoreira

Entre as freguesias de S. Vicente de Mascotelos e Santo Estêvão de Urgeses, a Norte, S. Salvador de Pinheiro e Santa Eulália de Pentieiros, a Este, S. Cipriano de Taboadelo e Santa Maria de Infias, a Sul, e Santa Eulália de Nespereira, a Oeste, está a freguesia de S. Pedro de Polvoreira. A sua igreja assenta no cimo dum môrro, cujas faldas são riscadas, a Nascente, pela estrada de Guimarães a Gêmeos, e a Poente pelo caminho de ferro e pela estrada que daquela cidade leva ao Pôrto.

Foi êste monte outrora moradia de populações prè- e protò-históricas, a tal se referindo Sarmento em várias passagens dos seus trabalhos. Nos «Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães» (1), indica-nos as inqvestigações que realizou nesse monte e terras próximas, tendo encontrado nestas (Lujó «*parte austral do monte de Polvoreira*») vestígios de um «castro ou cousa que o valha». Por aí «*tanto no cimo do monte, como pelas suas vertentes, sobretudo pela vertente oriental, fragmentos de telha romana, fragmentos de louça igual á da Citania, são extremamente vulgares á superficie...*». «*Estes vestígios d'uma povoação, que não devera ser pequena, vão rareando, quando se marcha para o sul pela espinha do monte e cessam inteiramente, desde que se entra no Lujó propriamente dito*».

M. Sarmento hesitou em chamar castro ao cabêço de Polvoreira, mas desconfiava de certos accidentes de

terreno que *"nada tem de naturaes"* (2). Bastante cerâmica e telha aí também encontrou, colhendo a lenda de guerras entre mouros da Penha e de Polvoreira, batendo-se rijamente à pedrada (3).

Pinho Leal afirma que *"no monte da Polvoreira, proximo ás Caldas de Vizella, ha um dolmen"* (4). Vilhena Barbosa reforça, pelas mesmas palavras, esta asserção (5). A estas se referiu José Caldas na 9.^a sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-historicas (1880), nada dizendo sôbre a sua veracidade (6).

Em Polvoreira existe uma propriedade denominada do Carvalho de *Arca*; perto, mas já na freguesia de S. Salvador de Pinheiro, outras duas herdades se chamam *Arca* do Meio e *Arca* de Baixo. Estas designações populares ¿ não estarão lembrando a existência, por aqueles sítios, de um ou mais dolmens, hoje destruídos? Quem sabe! Da Gruta dos Mouros no Lujó, que tanto preocupa a atenção do povo, dizia M. Sarmiento *"ser possível, senão provavel"*, ter patenteado alguns objectos de pedra polida, como gruta sepulcral que lhe pareceu ser (7). No mesmo Lujó appareceram, sob uma lasca de granito, alguns carvões, tudo no sopé de uma fraga, consoante o informaram (8). Isto o levava a pensar que ali seria o cemitério do povoado de Polvoreira, se a êste se queria referir Sarmiento quando falava *"na outra extremidade do monte"* (9). Também colheu Sarmiento a tradição da existência dum penedo baloiçante, já referido por Pereira Caldas, que no entanto não logrou ver (10), nota curiosa pela importância que actualmente estão adquirindo tais megalitos para o estudo da pré-história.

No entanto, nada de positivo adiantou. Por mim, que calcurreiei algumas vezes aqueles lugares à cata das particularidades indicadas por Sarmiento e outros, especialmente o dólmen, por aquela extensão de terras enconchadas no triângulo compreendido entre as igrejas de Infias, Polvoreira e Pinheiro, só posso dizer que as não encontrei, nem delas logrei informe. E' possível que em novo espiolhar alguma cousa tope de jeito, quando se me oferecer ocasião, nos escassos momentos de folga nos meus deveres profis-

sionais e oficiais. Contudo, são realmente abundantes por aquelas paragens os fragmentos de cerâmica, tijolo, etc. Enfim, tudo o que venho referindo diz respeito indirectamente à Igreja que neste artigozinho apresento aos leitores.

Como é sabido e os factos vão demonstrando, os cristãos elevaram a maior parte dos seus templos primitivos nos mesmos locais em que o paganismo erigira os seus, às vezes sôbre as suas próprias ruínas. Isso tem sido verificado em muitos *castros*, como por ex., sem irmos fora do concelho de Guimarães, na Penha (ermida de S. Mamede), Citânia de Briteiros (ermida de S. Romão), Infias (igreja de Infias), etc. A êste propósito, e referindo-se a esta última, Sarmiento fala na situação da de S. Pedro de Polvoreira, no cimo do monte do mesmo nome, pretendo *castro*, dizendo: *Se daqui se contasse noticia identica á do templo pagão d'Infias, teriamos de rejeital-a sem provas claras, mas sempre accrescentariamos que a sua posição era um indicio que valia por uma prova. Não existe tal noticia, nem através das reedificações da igreja de Polvoreira escapou cousa alguma, que denuncie a grande antiguidade que decerto tem*" (11).

Qual seja essa antiguidade, não sabemos. E' possível, porém, que a actual igreja seja uma reconstrução da primitiva, da qual não colhi ainda notícias.

As mais antigas referências que encontrei a S. Pedro de Polvoreira são do século XIII (1220) e lêem-se nas Inquirições do rei D. Afonso II: I — *De parochia Sancti Petri de Polvoreira. Geraldus Juliani Prelatus*, etc... (12) e nas de D. Afonso III (1258): *Hic incipit inquisitio Ecclesie*, etc... (13). E' curioso que nestas últimas Inquirições se nomeiam os prelados da dita igreja: *"Gunsalvus Johannis, juratus et interrogatus cujus est ipsa Ecclesia, dixit quod semper illam abbadaverunt herdatores et gubernatores ipsius Ecclesie, et post mortem Dompni Giraldi, qui fuit inde prelatus, venit Dompnus Egidius Martini et dedit illam suo vicario Gonsalvo Egee."*

Na colectânea "Vimaranis Monumenta Historica", registou o Abade de Tãgilde a seguinte nota a propósito da igreja de Polvoreira: *"Em 30 d'Abril de 1345*

D. Theresa Martins, mulher de D. Affonso Sanches, e seu filho D. João Affonso d'Albuquerque, com beneplácito d'El-Rei D. Diniz, por escritura feita em Lisboa, doaram ás freiras de Santa Clara de Villa do Conde o padroado desta Egreja (Arch. da Cam. Ecc. de Braga, Estados Egrejarios, maço 1.º da letra P.) (14).

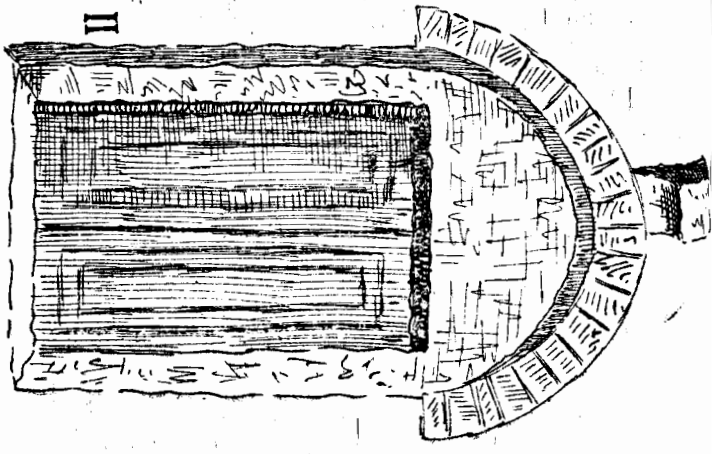
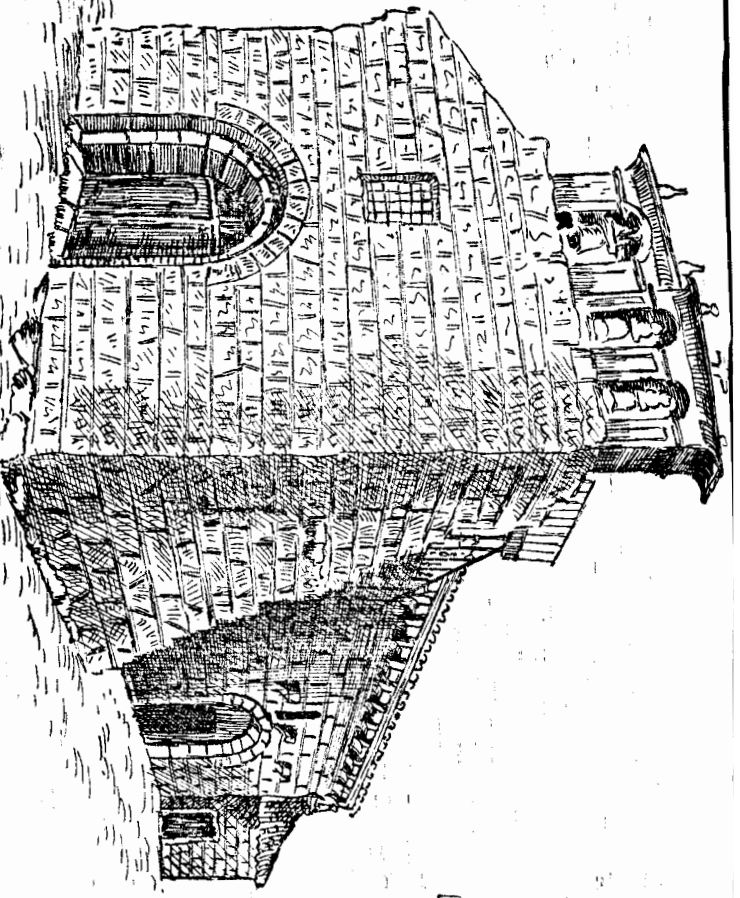
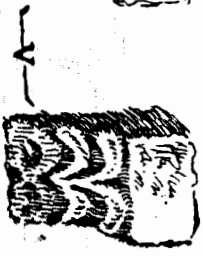
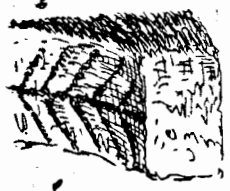
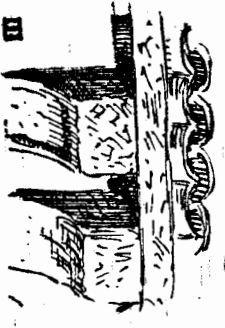
Sôbre o mesmo assunto diz Pinho Leal: "*As religiosas de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde apresentavam, in solidum, o abbade, que tinha 450.000 reis de rendimento annual*" (15). E' claro que o autor refere-se ao abade de S. Pedro de Polvoreira.

As Inquirições Gerais de D. Denis — 1290 — referem-se também à freguesia, nestes termos: "*— freguesia de sam pero de poluoreira e casa...*" (16).

Eis as notícias que pude colhêr sôbre esta igreja; fraca é a colheita, porém o arquivo paroquial não existe, ou, se existe, nada vale, afirmou-me o seu último e falecido abade P.º José. Vejamos, contudo, o que nos segredam as pedras da vetusta igreja rural, por forma a obtermos os dados que os documentos escritos não forneceram.

Está levantada a igreja de S. Pedro de Polvoreira no cume do cêrro do mesmo nome, entre a residência abacial e o pequeno cemitério. E' uma construção de regulares dimensões, muitíssimo danificada, *como era de esperar*, na sua primitiva traça. A começar pela frontaria, nota-se-lhe um acréscimo para a esquerda, pesado remendo de cantaria que sustenta, ao alto, o campanário de três janelas de arcos redondos, banal e moderno (século XVIII); para êle dá acesso um alto lanço de escadas de cantaria, para cujo assentamento serviu o referido acréscimo (l. Fig. 1.ª).

A frontaria está voltada a oeste, não apresentando as características linhas das igrejas do género, parecendo uma obra inacabada, inestética, desagradável. Quási ao centro, abre-se uma vulgaríssima janela quadrangular, com seu caixilho de vidro. A parte mais importante, por ser a mais antiga, é a porta principal, sem tímpano, sem molduras, de arco levemente quebrado; êste é constituído por duas



arquivoltas, de arestas agudas, esquadriadas. E... nada mais!

As paredes sul e norte são as partes da igreja que nos revelam elementos nitidamente românicos. Na face sul rasga-se também um pórtico de arco quebrado, singelíssimo, com tímpano assente em pilastras lisas. Como na porta principal, é total a ausência de gravuras ou esculturas (II. Fig. 1.^a). Ao nível do ângulo do seu arco existem três pequenos modilhões lisos, que sustentavam um alpendre modesto; entre dois deles rasga-se uma fresta de troneira, primitiva, semelhante a uma outra da face Norte. O beiral da parede que vinha tratando assenta sobre uma fiada de dezóito modilhões, a maior parte deles lisos. Alguns, contudo, são de almofada (III. Fig. 1.^a); dois, esculpidos, apresentam ramos de árvore, assuntos realistas tão repetidos na arte românica (V. Fig. 1.^a). A esta parede Sul encosta-se uma vulgar sacristia, sem valor.

Passemos à face Norte, à qual está arrimada uma pequena capelinha da Senhora do Rosário, curiosa por ser toda forrada a azulejos de diversa época e matizes diferentes, alguns deles valiosos, como brevemente se poderá verificar no pequeno estudo que deles estou fazendo. Para essa capela entra-se, do corpo da igreja, por uma porta à primeira vista vulgar, mas que mostra indícios de ser semelhante à que descrevi na face Sul, que lhe fica mais ou menos em frente. Presentemente, a calça e a argamassa cobrem-lhe o arco e o tímpano, se o tem!

A meio da altura desta parede vê-se um modilhão singelo, análogo aos que ficam sobre a porta do lado sul. A cornija, simples, em que assenta o beiral norte, repousa também sobre uma fila de vinte e três modilhões idênticos aos do sul; somente dois são historiados: um, ostenta uma flor grosseira de oito pétalas (IV. Fig. 1.^a); o outro, talvez uma folha vegetal espalmada ou parte de outra rosácea (IV. Fig. 1.^a). Os restantes modilhões almofadados assemelham-se a tantos outros de igrejas romanas vimaranenses, como a Colegiada da Oliveira, S. Salvador de Pinheiro, etc. Os outros, lisos, aproximam-se bastante da forma dos existentes noutras igrejas do Concelho, como

S. Miguel do Castelo, S. Cipriano de Taboadelo, Santa Eulália de Pentieiros, Santa Cristina de Serzedo e S. Miguel de Serzedo, como se verá quando destas igrejas tratar nos próximos números desta Revista.

Exteriormente, nada se revela digno de atenção, nesta igreja de S. Pedro de Polvoreira, a não ser a cruz rematante do ângulo exterior do transepto, que é de pé e braços curtos, prismáticos, por certo da mesma idade que os outros elementos architectónicos referidos. Interiormente, nada da primitiva fábrica se encontra. Se não fôsem as mutilações e remendagens que esta igreja sofreu, ela seria um belo exemplar do estilo românico nortenho, por certo ducentista.

BIBLIOGRAFIA

¹⁻² Martins Sarmiento — *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*. «Rev. de Guimarães». N.º 4. Vol. II. 1885. Guimarães.

³ Martins Sarmiento — *Antiqua*. Cad. manuscrito n.º 2. Biblioteca da Soc. Martins Sarmiento.

⁴ Pinho Leal — *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. 7.º. 1876. Lisboa.

⁵ Vilhena Barbosa — *Monumentos de Portugal*. 1886. Lisboa.

⁶ José Caldas — *Archéologie préhistorique dans la province de Minho*. Compte-Rendu du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques (1880). Lisboa. 1884.

⁷⁻⁸⁻⁹⁻¹⁰⁻¹¹ Martins Sarmiento — *Materiaes etc.* Ob. cit.

¹² *Vimaranis Monvmenta Historica*. Colig. pelo Abade de Tágilde. Doc. CXCIV. Pars I. 1908. Guimarães.

- ¹³ *Vimaranis Mon. Hist.* Ob. cit. Doc. CCLIX.
¹⁴ *Vim. Mon. Hist.* Ob. cit. Nota a pág. 282.
¹⁵ Pinho Leal — *Ob. cit.*
¹⁶ *Vimaranis Mon. Hist.* Ob. cit. Doc. CCLXXVIII.

Apêndice a

I

A igreja de S. Salvador de Pinheiro

(Vol. XXXVI. N.º 4. 1926)

No estudo que fiz desta igreja na «Revista de Guimarães» (1) referia-me a uma inscrição que se dizia existir na aduela de um dos seus arcos, facto aliás já indicado há muitos anos pelo grande Martins Sarmiento num dos números da mesma publicação, por estas palavras: «*Na reconstrução da igreja de Pinheiro foi aproveitado um lanço da parede do lado do sul, onde havia uma larga porta ogival. Affirma-se que nas aduelas do velho arco existe uma inscrição. Existirá; mas está hoje completamente sumida debaixo d'uma crosta de calça. Pedi ao digno parochio que forcejasse por tornar bem visível aquella memoria, provavelmente relacionada com a historia da igreja. Parece porém que a junta de parochia acha esquipatica de mais uma tal ideia*» (2). O abade de Tágilde igualmente se refere à porta lateral de S. Salvador de Pinheiro e a certa inscrição ao lado da mesma, na parede (3).

Graças a Deus, fui mais feliz que M. Sarmiento, pois topei com um padre inteligente e de visão clara, ao qual contei a suposição daquele arqueólogo e a